

# FOTOGRAFIA NA/DA ESCOLA: DISPOSITIVOS MÓVEIS, REDES SOCIAIS E EXPRESSÃO

Gabriela Fiorin Rigotti \*  
Érika Daiane Rosa \*\*

**Resumo:** Este artigo tem por objetivo abordar a fotografia como produto cultural e artístico e como exercício crítico e expressivo na escola. Isso porque a evolução das máquinas e a cultura social influenciam diretamente as produções das imagens e, com o aparecimento dos celulares com câmeras e com a facilidade de compartilhamento de fotografias em redes sociais, o significado cultural das fotos tem se transformado. Nesse cenário, os educadores precisam sensibilizar a si mesmo e a seus alunos para que percebam a dimensão que uma fotografia pode atingir, sobretudo na atualidade. Defendemos, portanto, que é premente despertar o interesse e o olhar crítico dos próprios educadores e também das crianças, desde as menores, sobre as fotografias sacadas e sobre o potencial artístico e expressivo que carregam.

**Palavras-chave:** Educação Estética. Fotografia. Dispositivos Móveis. Redes Sociais.

## PHOTOGRAPHY AT/OF SCHOOL: MOBILE DEVICES, SOCIAL NETWORKS AND EXPRESSION

**Abstract:** This article aims to approach photography as a cultural and artistic product and a critical and expressive exercise in school. It is so because the development of devices and social culture straightforwardly influence on the production of images and, with the advent of cell phones with cameras as well as the easiness of sharing photos on social networks, cultural significance of photos has been transformed. In this scenario, educators and their students need to be sensitized so that they perceive the proportion a photograph can reach, especially nowadays. We argue, therefore, that it is urgent to awaken the interest and critical eye of educators and also children, from early age, about photographs and the artistic and expressive potential they convey.

**Keywords:** Aesthetic Education. Photography. Mobile Devices. Social Networks.

### Fotografia: imagem que fala

Tirar uma foto. Cortar, aplicar um filtro. Deletar. Tirar outra foto, agora mais de perto. Cortar, aplicar um filtro, adicionar localização, marcar a si. Postar na rede e esperar por *likes* e comentários. Fazemos isso tantas vezes que sequer pensamos sobre a dimensão que a fotografia carrega em termos de expressão de nós mesmos e do mundo que carregamos dentro de nós.

Fotografar é escolher: pelo enquadramento, elegemos o que será lembrado e o que será esquecido. Hoje, com a dinâmica de sacar as fotos pela câmera do celular e logo postá-las nas redes sociais, também elegemos qual parte de nós e de nossa

vida se tornará pública. Essa versão editada de nós e de nossa vida não está lá para se tornar um *bestseller*, é verdade, mas qual o sentido de nossas fotografias pessoais tornarem-se públicas se não, justamente, para receber a aprovação da comunidade de amigos ou até, quem sabe, viralizar e se espalhar pelo mundo?

Se pensarmos sobre o surgimento e o advento da fotografia, antes da internet e das câmeras digitais, a dinâmica utilizada para fotografar era completamente diferente da atualidade. A fotografia não era instantânea e tinha um valor diferente, no sentido de guardar instantes como recordações. Hoje em dia, com as fotografias sacadas por câmeras de dispositivos móveis e espalhadas pelas redes sociais, a intenção fotográfica mudou: se antes queríamos eternizar um momento, hoje queremos celebrizá-lo!

Esse novo olhar é notável tanto nos próprios dispositivos móveis quanto nas redes sociais: ambos, cada vez mais, dão às pessoas novas formas de fotografar, editar e postar. Hoje as pessoas têm fácil acesso à celulares com duas, três, quatro câmeras que possibilitam borrar o fundo das fotos, por exemplo, além de terem, em certas mídias sociais, recursos para edição, efeitos, montagem... Há redes sociais surgidas especificamente para o compartilhamento de imagens, caso do Instagram, e outras que são um verdadeiro painel semântico de fotos inspiradoras, como o Pinterest. Com isso, fica claro que não só o processo produtivo das fotos mudou, mas também mudou a intencionalidade a partir da qual fotografamos.

A visão da fotografia que uma criança pequena tem é completamente diferente da de uma criança mais velha, de um jovem ou de um adulto. Para a criança – mesmo aquela nascida nestes tempos em que aprende a deslizar o dedo na tela *touchscreen* antes mesmo de conseguir segurar a mamadeira sozinha – a intenção não passa pelo outro, apenas por si mesma. Crianças de até 3 anos centram suas ações e também sua fala em si mesmos, aprendendo o uso do plural e a reconhecer as diferenças entre o eu e o outro por volta dos 30 meses de idade. A fotografia, para elas, é uma forma de demonstrarem o que carregam dentro de si, muito mais do que uma preocupação com o como essa expressão será recebida e interpretada pelo interlocutor.

Trabalhar com fotografias e também com o cinema com crianças pequenas é inegavelmente possível e muitos são os estudos e as práticas nesse sentido<sup>1</sup>. Ainda assim, o que nos move a esta escrita é a conclusão de que a fotografia não se

encontra na escola como forma de expressão, nem para as crianças pequenas nem para as crianças maiores e para os jovens. Neste século XXI, com câmeras na palma das mãos, ainda a fotografia é utilizada na escola de forma simplória, apenas para registrar as feitura de atividades ou, na maioria dos casos, para ilustrar um conteúdo curricular. A apreciação de fotografias, muito mais do que a produção delas, é o que a escola oportuniza e, talvez por desconhecimento, poucos educadores se propõem a quebrar este padrão. Por quê?

Esse é um dos indagamentos que norteou nosso trabalho e que norteará essa escrita, além de outros: Para que fotografamos? Para quem? Qual o destino destas fotos? E, sobretudo: Como o ato de fotografar poderia, finalmente, encontrar espaço na escola?

### **Fotografia, dispositivos móveis, redes sociais e educação**

Compreender que as imagens, estáticas e também as em sequência e em movimento, permeiam toda a nossa vida contemporânea é o primeiro passo para despertarmos na escola um senso de urgência em relação ao trabalho com elas. Oportunizar que educadores e alunos apreciem, analisem e também produzam imagens nunca esteve tão acessível e jamais foi tão necessário, na medida em que a feitura e a disseminação de imagens no mundo atual formam uma realidade cotidiana sem precedentes. Tanto a fotografia quanto o cinema são amplamente vivenciados por todos nós, pois estão presentes no cotidiano das pessoas fora da escola. No entanto, ao invés desta facilidade, desta realidade cotidiana imagética, nos impulsionar para o trabalho com imagens na escola, o que vemos parece ser o oposto: essa familiaridade muitas vezes confunde os sujeitos da escola, que percebem o trabalho com imagens como de menor importância, prejudicando o despertar do interesse pelo tema por educadores, que banalizam estes materiais e não enxergam seu potencial educativo.

A verdade é que o educador deve estimular a expressão de seus alunos, seja ela na forma que for. Cabe a ele fazer com que os alunos percebam que não só de palavras se constitui a expressão humana e que, apesar da facilidade em se expressar por imagens hoje, suas produções dizem algo ao mundo porque, por mais simples

que sejam, dependem de sua autoria. A fotografia, como toda arte, é uma forma de expressão e a partir dela o fotógrafo mostra ao mundo seu repertório não apenas técnico, mas sobretudo cultural e pessoal e, portanto, também educativo.

Dizemos isso porque tomamos a educação aqui como parte integrante da cultura; ou seja, entendemos que tudo o que afeta a sociedade de uma maneira geral está relacionado com a educação. A educação influencia no modo de raciocínio das pessoas e carrega seus valores culturais, que são mutáveis e condicionados ao mundo em que se vive.

Pesquisar a educação a partir de objetos de cultura é, portanto, estudar uma forma de leitura interpretativa; estudar uma forma de pensar, de viver e de sentir o mundo, o outro e a nós mesmos. Dentre os muitos objetos da cultura material aos quais o pesquisador pode se reportar estão as imagens. Estáticas (pinturas, fotografias) ou sequenciais (cinema e vídeo), as imagens nos educam por um processo que se estende continuamente por toda a vida e se realiza através do contato imperativo, direto e adquirido entre nós e as representações imagéticas – as quais seriam produzidas justamente para serem recordadas e educarem nossas formas de olhar. (RIGOTTI, 2010, p. 3).

A educação, nesse sentido, depende da cultura e nela interfere. Através da educação, seja ela escolar ou não, a cultura é manifestada e afeta a sociedade. Desta forma, pode-se compreender como a fotografia, assim como toda imagem e toda arte, exerce um papel importante na vida dos sujeitos, já que é também através de imagens que o ser humano, predominantemente visual, percebe a realidade ao seu redor e nela deposita parte de si.

Percebemos muitas coisas do mundo através das imagens que nos circundam. A partir desse contato cotidiano e quase inconsciente com imagens, cada indivíduo fará uma leitura distinta do mundo que o cerca, de acordo com suas vivências, ideais e realidade social. Ou seja, a imagem tem determinada significância a partir dos contextos e histórias, como afirma Rigotti (2010). Tendo consciência disso, podemos perceber a fotografia como um elemento constitutivo da identidade, da forma como enxergamos a nós mesmos e aos outros.

As fotografias produzem, enfim, uma memória e uma cultura visual; criam discursos – sobre o mundo, sobre o outro e sobre nós mesmos

– pela voz da câmera, produzindo imagens que ajudam a direcionar a forma como vemos, pensamos e sentimos. (RIGOTTI, 2010, p. 8).

Como cultura, como memória e como discurso, apesar de olharmos para fotografias e logo procurarmos seus dados e informações relacionadas ao local, época e sujeitos envolvidos, a própria imagem, mesmo que sem legendas, carrega uma história, como nos aponta Vieira (2010). Ao invés de passarmos batido por elas, todo o seu conjunto e composição tem o potencial de ser interpretado, mesmo nas mais insignificantes imagens de permeiam nosso dia a dia.

Uma foto sem texto é um romper do condicionamento cultural da leitura da imagem, é suprimir a racionalização espaço-temporal. A ideia da produção das fotos/imagens passa a se estabelecer na evocação da memória e do sentimento e não da lógica. Isso implica retirar o objeto do seu invólucro, destruindo ou libertando sua aura; é na particularidade dessa forma de percepção, com uma habilidade aguda de captar o “semelhante” no mundo, que, graças à reprodução da imagem, a foto possibilita fazê-lo até no fenômeno único. (VIEIRA, 2010, p.14-15).

Quando não há legenda em uma imagem – seja esta uma manchete de jornal, um slogan publicitário ou uma marcação de local e de pessoas em uma publicação nas redes sociais – o expectador se vê obrigado a utilizar a sua própria interpretação e, através disso, uma mesma imagem pode despertar leituras e sentimentos distintos nas pessoas, variando com as experiências individuais de cada um.

Acontece que hoje, com as fotografias sacadas facilmente pelas câmeras de dispositivos móveis e logo partilhadas nas redes, essa possibilidade de leitura individual tem diminuído. Olhamos para a imagem e automaticamente lemos sua legenda, recebendo sincronamente as mensagens imagética e escrita que o fotógrafo quer nos passar. Esta fotografia se torna, aos olhos do mundo da escola, ainda mais banal e simplória e esquecemos, enquanto educadores, que uma imagem fala muito mais de si mesma do que nós falamos dela! Observar com atenção seus elementos constitutivos (enquadramentos, posições de câmera, ângulos, focos, luz, etc) poderia ser um primeiro passo para um trabalho de leitura de imagens muito mais significativo dentro das escolas, trabalho este que ajudaria a sensibilizar os alunos mais velhos e também os próprios educadores sobre as possibilidades discursivas e expressivas das imagens, de quaisquer imagens.

Há inúmeros aspectos envolvidos em uma produção fotográfica: de acordo com Vieira (2010), a autoria, a construção, o fazer e os detalhes contribuem para definir a real estética da imagem e seus possíveis significados, independentemente das legendas. Além disso, a realidade mostrada pela fotografia relaciona-se com as visões de homem, de mundo e de sociedade do narrador fotográfico, visões estas que se sobressaem a quaisquer falas, escritas e explicações baseadas nas palavras: quem fotografou pensou no recorte de representação da realidade e, assim, por meio da imagem, o fotógrafo expressa a si mesmo. Ao ser exposto, esse recorte de realidade também encontra no expectador outras visões de homem, de mundo e de sociedade e, por isso, a leitura de uma fotografia está condicionada à interpretação do observador.

Não é a imagem que nos conta a história e, sim, o narrador oculto no trabalho final. Porém, como toda história, as compreensões e significados são múltiplos. Aquilo que para uma pessoa é significativo em um texto pode não o ser para outra. A mesma coisa acontece com a foto; os diversos símbolos presentes trazem significados diferentes para o expectador. A imagem evoca representações internas diferenciadas pelas experiências de vida de cada um. (VIEIRA, 2010, p. 24).

Tantas nuances, tanta riqueza de análise e de significância perdidas se a escola não se abrir às imagens enquanto formas de expressão, mesmo as mais rotineiras e cotidianas, mesmo as que migram do celular para as redes como em um passe de mágica! Utilizar-se da linguagem fotográfica na escola é ir além de registrar momentos, é possibilitar que os alunos se apropriem desta ferramenta em seu cotidiano como forma de expressão que ultrapassa os limites do tempo, como nos sugere Wunder (2011).

Pensar pelas imagens de escolas sem que necessitemos imaginar sempre um futuro desejado e um passado perdido, mas na pulsação de um presente vivo. Diz-se com frequência: olhar fotografias é reviver momentos. Re-viver: dar uma vida a um resto que perdurou, e talvez aí esteja o acontecimento, nesta outra vida que surge, nasce inesperadamente, como uma reconstituição impossível do tempo. (WUNDER, 2011, p. 15).

Essa latência expressiva da fotografia se torna ainda mais evidente com a mudança das intencionalidades fotográficas e dos meios em que circulam. Na atualidade, o ambiente virtual é sustentado pelas imagens. Busca-se divulgar imagens pessoais para celebrar um cotidiano, talvez bem mais enfadonho e simplório na realidade. O educador da era digital deve compreender que seus alunos já nasceram imersos neste meio e, sendo assim, precisa conduzi-los para um aprendizado consciente e para uma análise crítica dos recursos que estão disponíveis e também do alcance de suas imagens quando disseminadas virtualmente, já que, hoje, as redes sociais são nossas plataformas de interação privilegiadas, como descreve Cymbalista (2015).

O surgimento das redes sociais no início do século XXI viabilizou plataformas de interação em tempo real de forma generalizada, de certa forma clonando na esfera virtual sociabilidades que antes só eram possíveis em interfaces reais. Um indivíduo pode se relacionar com o grande público sem a intermediação dos grandes canais de comunicação. (CYMBALISTA, 2015, p. 1).

Com os ambientes virtuais e a facilidade de se ter câmeras fotográficas direto nos celulares – objetos que nos hibridaram ao se tornarem verdadeiras extensões de nossas mãos – a fotografia democratizou-se. Qualquer um que possua a seu alcance um telefone celular possui as ferramentas necessárias para fazer uma foto e compartilhá-la. Transformar a fotografia na escola de mero registro de atividades ou ilustração de conteúdos para uma forma real de expressão é não apenas possível, mas urgente, já que nossos alunos estão a todo o tempo expondo a si mesmos e recebendo materiais expositivos dos demais em formato imagético e em tempo real! Através do trabalho consciente do educador e de sua abertura, é possível aguçar o olhar de fotógrafo no aluno que, de maneira subjetiva, escolherá determinado momento para capturá-lo e depois poderá partilhar, de forma consciente e intencional, este olhar com sua comunidade digital. É disso que se trata, como sugere Tavares (2009): de entender que a fotografia, enquanto registro, foi ultrapassada e que hoje, mais do que nunca, deve ser tratada na escola como forma de expressão tão comum e necessária quanto as linguagens oral e escrita.

De qualquer das formas, há muito que a fotografia deixara de ser um mero meio de exposição da realidade enquanto momento único, estático, de congelamento da situação fotografada, tendo como único fim o relato da situação: histórica, factual, social, de eventos, sem qualquer atrevimento de ordem estético-artística. (TAVARES, 2009, p.122).

Além da possibilidade de se ter ao alcance das mãos uma câmera, também estão disponíveis os aplicativos para edição de fotos. Com isso, segundo Tavares (2009), no âmbito da fotografia, a fotomontagem e o tratamento digital fazem com que ocorra uma ascensão da fotografia mais trabalhada no que se refere ao seu sucesso nas redes sociais, pois muitas acabam por ocupar um destaque, mesmo não sendo produzidas por um fotógrafo profissional. A chance de viralizar atrai os jovens e isso pode e deve ser aproveitado pelo educador, que tem aí um interesse prévio dos educandos pelo tema, mesmo tendo em mente que sua preocupação não deve ser formar fotógrafos, muito menos celebridades, mas sujeitos capazes de se expressar através da fotografia.

O fotógrafo é, por excelência, o artista mais rápido que existe. Essa rapidez de execução da obra de arte acrescenta uma responsabilidade enorme ao fotógrafo: captar o “momento certo”, o enquadramento perfeito, a expressão ideal. É, sem hesitação, este o maior anseio do fotógrafo. (TAVARES, 2009, p. 124).

Tendo consciência disso, percebe-se a evolução que a fotografia sofreu ao longo do tempo, até chegar às fotografias que permeiam nosso cotidiano virtual e que inegavelmente afetam nosso mundo, inclusive o escolar. Estudos feitos por Zan (2010) apontam que, no século XIX, a fotografia era produzida para ser uma imitação perfeita da realidade, o que deixava o fotógrafo como mero “assistente” da máquina. Posteriormente, já no século XX, a fotografia passou a ser vista não mais como um registro da realidade, mas como um material passível de interferências e interpretações a partir das percepções de cada um, tanto fotógrafo quanto expectador.

Existem dimensões, significações e determinações ocultas na realidade fotografada que demandam dos pesquisadores decifrar o que se esconde por trás do visível e do fotografável. A fotografia pode ser entendida como meio de compreensão imaginária da sociedade. A realidade apresentada pela imagem fotográfica não é mais ela mesma, e sim uma realidade mediada pelo tempo da fotografia, pelo

olhar e pela situação social do próprio fotógrafo, por aquilo que ele socialmente representa e pensa. (MARTINS apud ZAN, 2010, p. 4).

Ao levar a fotografia como prática para dentro da escola com este apuro de olhar, entendendo-a como uma material expressivo e passível de interpretações, os educadores oportunizam aos alunos perceberem melhor a realidade em que estão inseridos quando fotografam, além de poderem analisar o quanto suas ações afetavam diretamente sua vida como um todo, inclusive os demais sujeitos da instituição escolar, como nos apontam as pesquisas de Zan (2010):

O uso da fotografia (na escola), ao mesmo tempo que contribuiu para a ampliação da percepção dos estudantes em relação ao cotidiano da instituição, permitiu a eles um certo distanciamento em relação aos espaços e às relações vivenciadas de forma rotineira. Esse distanciamento parece ter sido decisivo para que os entrevistados se reconhecessem como sujeitos. (ZAN, 2010, p. 5).

Como educadores, devemos aliar a teoria à prática. Devemos dar aos alunos a possibilidade de se reconhecerem como seres não só apreciadores, mas produtores de cultura. É claro que nesse processo é importante que tanto nós quanto nossos alunos mais velhos possamos conhecer algumas técnicas de fotografia como enquadramento, luz e foco, para assim melhor manejarmos a feitura das imagens. No entanto, não se trata de encaixotar a fotografia na escola dentro da disciplina de Arte; ao contrário, trata-se de alfabetizar os alunos para seu uso como forma de expressão. Assim, aprendizagens teóricas e técnicas, assim como o aprender das letras, só fará sentido se os alunos puderem de fato escrever através da luz pela are da fotografia! Quando o sujeito percebe seu papel enquanto produtor da cultura, e não apenas como apreciador, aí sim a educação tem um poder libertador porque proporciona a expressão e nisso se atrela à educação humanizada, não mecânica, sensível e estética.

Tomamos a educação estética a partir dos estudos de Duarte Jr (2000), segundo os quais tudo o que há em nossa sociedade afeta cada um de uma maneira distinta. Isso porque o sujeito carrega em si sua cultura, seus hábitos, suas vivências e é a partir delas que lê o mundo, o interpreta e também age nele.

A casa onde moramos, os lugares por onde caminhamos, aquilo de que falamos e aqueles com quem conversamos, o alimento que ingerimos e a maneira como ganhamos a vida, além de darem um sentido, de emprestar um significado à nossa existência, também estão diretamente relacionados com o nosso corpo, com as nossas sensações, percepções e sentimentos. (DUARTE, 2000, p. 78-79).

Isso significa que é a partir das nossas vivências, dentro e fora da escola, que estabelecemos nossa forma de nos relacionar e nos expressar no mundo. Assim, dar ao aluno as condições para se relacionar com o mundo também através das lentes de sua câmera é não apenas instrumentalizá-lo para uma nova forma de expressão, mas também garantir que seu olhar se apure para o entendimento deste mundo circunscrito em imagens no qual vivemos.

Conforme descreve Cunha (2010), neste nosso mundo plenamente permeado por imagens, o celular desempenha uma função que ultrapassa todas as dinâmicas anteriores em relação ao audiovisual, já que nunca a produção imagética esteve tão ao alcance das mãos. O ponto mais importante a ser analisado sobre o processo de evolução e modificações dos aparelhos que capturam imagens está no fato de que há uma diferença significativa em uma produção fotográfica feita por um celular e as feitas pelas câmeras portáteis e digitais. Isso ocorre porque os dispositivos móveis possibilitam muitas ferramentas de captação, edição e montagem que são aprimoradas a cada dia, a cada lançamento de um novo aparelho. É como se tivéssemos hoje um estúdio na palma da mão e, terminada a produção mais rápida e acessível do mundo das artes, ainda pudéssemos instantaneamente apresentá-la ao público através das redes sociais. Isso afeta diretamente a intencionalidade da produção da fotografia, que não mais serviria para imortalizar um momento, mas para compartilhá-lo.

Tendo consciência disso, o educador precisa despertar no aluno a vontade de inovar, de criar, e também o senso crítico sobre qual mensagem estará partilhando a partir da imagem que produziu. Obviamente, a profundidade destes estudos analíticos depende muito da faixa etária dos alunos com a qual se trabalha. A produção fotográfica, porém, independe de idade: uma criança pequena, de 1, 2 ou 3 anos, é plenamente capaz de produzir uma fotografia, através de um simples aparelho celular, se tiver aguçada sua sensibilidade em perceber as coisas ao seu redor. Esta criança pode não conhecer as ferramentas de edição ou as técnicas para se produzir uma foto

ideal, mas, se ela for estimulada pelo educador a perceber a arte nos detalhes das coisas, trabalhos e produções infantis são incrivelmente possíveis.

Ao contrário disto, o que muitas vezes se verifica nas escolas é não apenas, como já apontada, a utilização da fotografia como material ilustrativo de conteúdos escolares, mas a proibição do uso de celulares e do acesso às redes sociais em ambiente escolar. Em um cabo de guerra fadado ao fracasso – na medida em que o mundo virtual, com sua velocidade estarrecedora e suas imagens fantásticas, é infinitamente mais atrativo que as aulas geralmente ancoradas no método tradicional pautado na retórica docente – a escola perde uma grande oportunidade de educar de forma crítica, sensível e contemporânea suas crianças e jovens.

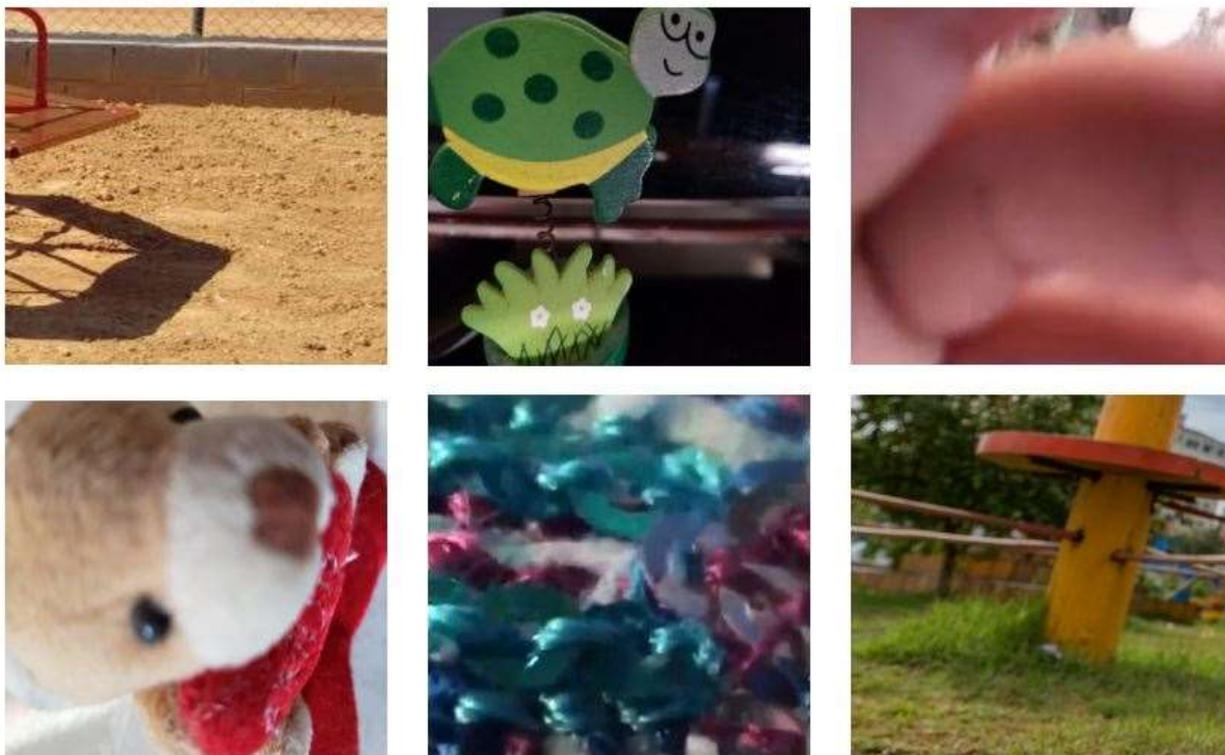
### **Fotografia na/da escola: as crianças e as educadoras**

Foi justamente buscando abrir um atalho para um trabalho com fotografia mais elaborado dentro das escolas que as duas propostas aqui apresentadas foram colocadas em prática. A primeira proposta consistiu em estimular o olhar atento de crianças bem pequenas às coisas simples do cotidiano escolar e, a partir desta sensibilização, oportunizar aos alunos a produção de fotografias.

Inicialmente, pedimos a crianças com idade média de 3 anos de idade de uma escola do município paulista de Mogi Guaçu que enxergassem e apontassem os lugares e objetos de que mais gostavam nas salas de aula e em outros espaços da escola, como corredores, pátio e parquinho. Abrindo um diálogo sobre isso, o intuito era o de instigar as crianças a nomear não só os objetos em si, mas também seus gostos e sentimentos e, assim, não apenas encontrassem o que de mais valioso viam no ambiente, mas também justificassem o que lhes chamava a atenção e o porquê.

Por serem bem pequenas, a expressão dos sentimentos destas crianças em palavras nem sempre é eloquente e objetiva e, por isso, a expressão pela fotografia apresentou-se como uma escolha ainda mais acertada. As câmeras de celulares foram entregues às crianças e pediu-se que fotografassem o que gostariam de demonstrar – não só o objeto ou lugar em si, mas também o sentimento, a sensação que suscitavam. Algumas das produções infantis dessa proposta são apresentadas a seguir.

A Fotografia e a Educação da Criança Pequena: o brincar, o sentir, o expressar



Fotos de arquivo pessoal.

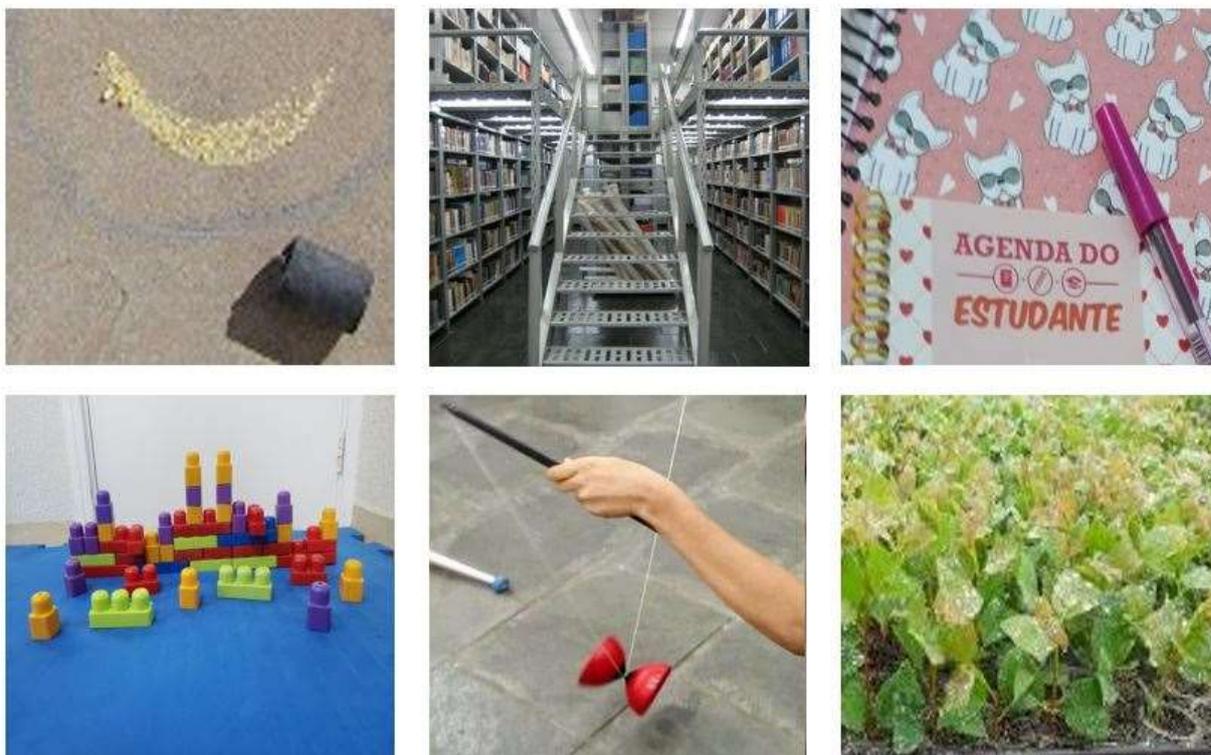
O que pudemos notar com tal sensibilização é que, primeiramente, as crianças pequenas já possuem manejo e conhecimento suficientes para sacarem uma fotografia, mesmo sem apuro técnico. Além disso, pudemos perceber como a produção imagética dá à criança um potencial expressivo até mais rico que a própria palavra nesta faixa etária, já que o vocabulário infantil de crianças bem pequenas é ainda limitado. Através das fotografias, as crianças conseguiram nos contar não apenas o que viam e como viam, mas também o que sentiam em relação ao mundo, neste caso, o mundo da escola. Imagens de brinquedos, dos jardins e do parque escolar, alternadas com imagens em detalhe de si mesmo e do outro, em geral do “melhor amigo”, oportunizaram a nós, educadoras, que compreendêssemos melhor como a criança pequena se sente nesta escola: acolhida em sua infância!

Fato é que estas crianças não produziram imagens na intenção de celebrizá-las através da postagem de redes sociais e o trabalho não se pautou em aprendizados técnicos e analíticos. Ainda assim, conhecer o mundo interno de pensamentos e sentimentos infantis, ao mesmo tempo em que trabalhávamos com a certeza de iniciar um processo de educação sensível e crítico através das imagens, foi gratificante.

Já em nossa segunda proposta de trabalho, ao invés de trabalharmos com as crianças, tivemos como objetivo o trabalho de sensibilização do olhar e a possível abertura a um trabalho prático com fotografia junto às educadoras da Educação Infantil desta mesma escola da região paulista da Baixada Mogiana.

Primeiramente, abrimos uma roda de conversa sobre as formas de trabalho com fotografia encontradas ou não naquele ambiente escolar. Chegando à óbvia conclusão do pouco espaço para o trabalho com fotografia que as educadoras tinham na escola, pedimos então que pensassem e conversassem acerca de suas concepções de educação, trocando ideias e experiências sobre o que seria educar, sobretudo na Educação Infantil. Ao longo da conversa, palavras como linguagem, expressão, arte, sensibilidade foram expostas ao grupo e foi pedido que pensassem sobre o significado destas palavras, tanto de forma teórica quanto no que tange à presença delas de forma prática na escola. Depois desta prosa, pedimos às educadoras que fotografassem o que seria a educação para elas. Algumas destas fotografias seguem abaixo.

A Fotografia e a Educação das Educadoras: o fazer, o construir, o crescer



Fotos de arquivo pessoal.

O que podemos perceber com este segundo exercício é que, antes de iniciarmos o trabalho, a abertura das educadoras à fotografia como forma de expressão era pequena: muitas disseram não saber fotografar e outras alegaram só fazerem isso de forma privada, para registro de momentos pessoais. Indagadas, porém, sobre o compartilhamento das imagens nas redes sociais, pudemos perceber a falta de criticidade em relação a isso, pois as educadoras atestavam partilhar imagens apenas com amigos, apesar de não saberem como responder ao fato de possuírem uma comunidade virtual cheia de pessoas pouco conhecidas na realidade e até de postarem suas imagens, inadvertidamente, sempre em modo público.

Depois de produzidas e socializadas as fotos, pareceu-nos que as educadoras se sentiram mais aptas e propensas a trabalhar com a fotografia com suas crianças pequenas, mesmo ainda com algumas ressalvas, sobretudo no que se refere à capacidade de manejo das crianças com os aparelhos e também à receptividade da ideia por parte do corpo gestor da escola e dos pais e responsáveis pelas crianças. Esperamos, contudo, que estes sejam obstáculos superáveis porque não apenas os estudantes ganhariam muito em qualidade de ensino como, da forma como pudemos notar a leveza e a sensibilidade aflorada das educadoras ao participarem desta ação, a escola se tornaria mais viva e significativa inclusive para os próprios educadores!

Na prática, o que ficou evidente foi que, na atualidade, com a facilidade de ter-se uma câmera fotográfica acoplada aos celulares, é possível realizar fotografias que expressam o que o sujeito quer dizer, tenha ele a idade que for. Certamente há diferenças entre as produções de uma criança pequena e a de crianças maiores, jovens e adultos. Crianças pequenas, além de não possuírem o instrumental necessário a produções elaboradas tecnicamente, pouco conseguirão trabalhar de forma intencional e consciente na busca por melhores ângulos ou quaisquer outras escolhas que se façam necessárias à qualidade da imagem. Ainda assim, a expressão de pensamentos e sentimentos em forma de fotografia é absolutamente possível para as crianças, mesmo as menores.

Cabe ressaltar que às educadoras participantes da segunda proposta foi sugerido que as imagens produzidas fossem compartilhadas em suas redes sociais pessoais. O intuito era o de perceber como elas se sentiriam com tal divulgação e também com os possíveis sucessos e insucessos das fotos partilhadas em relação a *likes* e comentários. Infelizmente não tivemos tempo de contato suficiente com elas

para registrar e analisar tais dados, assim como não tivemos oportunidade de experienciar práticas fotográficas com crianças mais velhas e com os jovens. Ao menos, não ainda!

## **Considerações finais**

Este artigo teve o intuito de abordar a fotografia como um produto cultural e, portanto, como parte integrante do processo educativo dos sujeitos. Estamos rodeados de imagens fotográficas e, mais do que nunca, fotografamos e partilhamos nossas fotos cotidianamente. As imagens nos educam e mostram ao mundo como pensamos e sentimos, mesmo se não dermos importância a isso.

Tomar a fotografia como exercício crítico e expressivo na escola torna-se premente na atualidade e, para incitarmos isso, partilhamos aqui duas práticas ocorridas com uma comunidade escolar do interior paulista, uma com crianças bem pequenas e outra com suas educadoras. Depois de ambas concluídas, o que pudemos notar é que a escola ainda subutiliza a fotografia como forma de expressão, mas que, com um pouco de abertura e incentivo, esta realidade pode ser mudada.

Nós, educadores, precisamos nos sensibilizar e sensibilizar nossos alunos, desde a mais tenra idade, para que percebamos a dimensão que uma fotografia pode atingir, sobretudo na atualidade de dispositivos móveis com câmeras e de redes sociais para compartilhamento de imagens. Defendemos que o despertar do interesse e do olhar crítico para a fotografia, tanto de nossa parte quanto da de nossos alunos, se faz tão necessário quanto urgente, pois através das fotos podemos aflorar o potencial artístico e expressivo que todos carregamos dentro de nós!

## **Notas**

\* Gabriela Fiorin Rigotti é doutora em Educação, Conhecimento, Linguagem e Arte pela Faculdade de Educação (Unicamp). Coordenadora de Pós-Graduação pelas Faculdades Integradas Maria Imaculada e Docente pelo Centro Universitário Padre Anchieta. E-mail: gabi.frigotti@gmail.com

\*\* Érika Daiane Rosa é graduada na Faculdades Integradas Maria Imaculada. E-mail: erikadaiane\_br@hotmail.com

1 Exemplos de trabalhos com as artes visuais e educação podem ser melhor conhecidos através das produções do Laboratório de Estudos Audiovisuais OLHO, da Faculdade de Educação da Unicamp (<https://laboratorioolho.weebly.com/>).

## Referências

CUNHA, Oswaldo Norbim Prado. **O celular e as novas estéticas audiovisuais**. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-Graduação em Comunicação. Belo Horizonte: UFMG, 2010.

CYMBALISTA, Renato. São Paulo, microurbanismos. In: CYMBALISTA, Renato; NOGEIRA, João Pedro. **Micro-guia de microurbanismos de São Paulo**. SP: s/d, 2015.

DUARTE JR., João Francisco. **O sentido dos sentidos: a educação dos sentidos**. Curitiba: Criar, 2001.

RIGOTTI, Gabriela Fiorin. **Na bagagem de Dona Zezé: uma proposta de investigação e intervenção sobre a imagem da professora a partir de fotografias do curso de formação continuada Teia do Saber**. Tese de Doutorado. Programa de Pós-Graduação em Educação. Campinas: Unicamp, 2013.

TAVARES, António Luís Marques. A fotografia artística e o seu lugar na arte contemporânea. In: **Sapiens** - História, Património e Arqueologia. n.º 1, julho/2009, p. 118-129. Disponível em:

<[http://www.revistasapiens.org/Biblioteca/numero1/A\\_fotografia\\_artistica.pdf](http://www.revistasapiens.org/Biblioteca/numero1/A_fotografia_artistica.pdf)>

Acesso em: 20 set. 2019.

VIEIRA, Marcelo Pustilnik de Almeida. O modo de olhar cria a realidade. In: MIRANDA, Carlos Eduardo de; RIGOTTI, Gabriela Fiorin. **Educações do olhar** – volume I. SP: Global, 2010.

WUNDER, Alik. Fotografias, restos quase mortais. In: AMORIM, Antonio Carlos. GALLO, Silvio, OLIVEIRA Jr, Wenceslao Machado (orgs). **Conexões: Deleuze e Imagem e Pensamento e...** Petrópolis: De Petrus, 2011.

ZAN, Dirce Dijamira Pacheco. Fotografia, currículo e cotidiano escolar. In: **Pro-Posições**, v. 21, n.º 1, jan-abr/2010, p. 149-161. Disponível em <<http://repositorio.unicamp.br/bitstream/REPOSIP/25388/1/S0103-3072010000100010.pdf>> Acesso em: 19 mai. 2019.

Recebido em: setembro de 2020.

Aprovado em: dezembro de 2020.